

A SUPERFICIALIDADE NA IMPRENSA: ENTREVISTA COLETIVA

Fernando Mancio Torres Auerbach¹; William Pereira de Araújo²

Estudante do curso de jornalismo; e-mail: fernandomancio@yahoo.com.br¹

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail:wpexercer@yahoo.com.br²

Área do conhecimento: Humanas

Palavras-chaves: entrevista, coletiva, superficialidade, repórteres, jornalismo

INTRODUÇÃO

“Repórteres meu senhor, são pessoas que perguntam”. É com esta frase que Audálio Dantas apresenta a obra organizada e intitulada Repórteres (1998: p.9). O autor da frase é Acácio Ramos, um jornalista que Dantas define como *“um dos mais rápidos caçadores de notícias que conheci nas redações pelas quais passei. Era do tipo que sempre tinha engatilhadas a segunda e a terceira perguntas, caso falhasse na primeira”* (1998: p.9).

O verbo perguntar, segundo o dicionário da língua portuguesa Aurélio, significa fazer perguntas, interrogar, inquirir, propor uma questão, indagar, investigar, buscar esclarecimentos. Diante disso, a definição de Acácio Ramos para a função de um repórter é a mais simples, porém a mais correta. Repórteres são, portanto, pessoas que perguntam, indagam, buscam esclarecimentos sobre um assunto ou acontecimento. No entanto, a pergunta que se deve formular é: Os repórteres estão formulando as perguntas corretas, ou apenas preenchendo o tema da pauta com depoimentos e sonoradas?

Medina afirma que

“a entrevista jornalística, em primeira instância, é uma obtenção de informações que recorre ao particular e que por isso se vale, na maioria das circunstâncias, de fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”. (2000: p.18)

Ou seja, no caso de uma reportagem que pretende demonstrar as pessoas quais serão os efeitos de uma crise na economia norte-americana, os repórteres irão ouvir, sem titubear, um economista e adotarão como base aquilo que ele disser. É o que alguns autores denominam de jornalismo feito de declarações. E se algo sair equivocado, a culpa é do economista, porque o repórter - a grosso modo - cumpriu sua pauta, apontou os fatos e ouviu um especialista.

OBJETIVOS

Apontar os possíveis erros causados pelos jornalistas durante o processo da entrevista coletiva e de que maneira isso faz com que a informação chegue ao público de maneira superficial.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foram utilizados os seguintes métodos:

- Levantamento bibliográfico e documental;

Segundo Antônio Carlos Gil em “Como Elaborar Projetos de Pesquisa”, levantamento bibliográfico ou pesquisa bibliográfica é um método de pesquisa desenvolvido a partir de materiais já elaborados, constituídos principalmente por livros e artigos científicos. E

que apesar de constar em quase todos os estudos científicos, este método já foi utilizado como única fonte de pesquisa por alguns estudos. Em relação ao levantamento documental, o autor explica que este método de pesquisa não diferencia muito do levantamento bibliográfico.

- Gravação em vídeo, no caso da televisão, e em áudio, ao se tratar de rádio, de entrevistas coletivas ligadas a um mesmo assunto;
- Observação *in loco* de entrevistas coletivas dadas aos meios de comunicação da região do Alto Tietê;

RESULTADOS PARCIAIS/DISCUSSÃO

Os problemas verificados quanto à depreciação da técnica de entrevista e de modo especial no âmbito das classificadas como coletivas, apontam que enquanto ferramenta de captação de dados, a entrevista depende não só do preparo do repórter em termos de domínio do assunto a ser abordado, mas também das estratégias que adotará para conseguir o que precisa. O esquecimento ou desleixo em relação a isso pode ser perigoso. E este “perigo” fica claro ao lermos em “Assessoria de Imprensa: como se relacionar com a mídia”, quando Maristela Mafei diz que “entrevistas coletivas constituem um evento à parte, já que mobilizam ao mesmo tempo vários jornalistas em torno do assessorado e exigem estratégia específica em todas as etapas de realização” (2004: p.86). A descrição da autora sobre o que é uma entrevista coletiva – tendo por base a visão de um assessor de imprensa – deixa evidente que há um preparo estudado e elaborado para aquela pessoa que será entrevistada. E ela confirma isso: “Todas as informações fornecidas devem ser contextualizadas e apuradas rigorosamente para que se tenha segurança de que as perguntas formuladas serão respondidas a contento pelo assessorado” (2004: p.86).

Como se não bastasse todo o cuidado, todo o “preparo” com o qual a entrevista coletiva é organizada pelo assessor de imprensa, o despreparo de alguns repórteres também colabora com a superficialidade da informação final que é divulgada. Isso pode ser verificado ao analisar-se a entrevista coletiva cedida pelo então técnico da seleção brasileira de futebol, Carlos Alberto Parreira, durante a Copa do Mundo de 2006. Perguntado sobre a estratégia de jogo do time adversário para enfrentar a seleção brasileira, Parreira respondeu:

“Eu acho que nós temos de nos preocupar é com a nossa equipe. Com o adversário nós temos de ter alguns cuidados. Mas acho que o Brasil deve se preocupar com a sua maneira de jogar, com o seu esquema de jogo, com o seu sistema”.

CONCLUSÃO

O preparo do repórter para participar de uma entrevista coletiva não depende apenas do seu conhecimento das técnicas de entrevista. Saber perguntar é essencial. Ter de conhecer o seu entrevistado em poucos minutos é, sim, importante. Possuir a capacidade de formular rapidamente perguntas relacionadas à última resposta do entrevistado também é algo imprescindível. Mas para poder participar de uma entrevista coletiva de maneira consciente e assim conseguir obter as respostas que ele quer ao invés das que lhe são apresentadas, é necessário que o jornalista possua também conhecimentos sobre assessoria de imprensa e sobre o processo de elaboração de uma entrevista coletiva. Para comprovar essa necessidade basta lembrar o que diz Mafei: “entrevistas coletivas constituem um evento à parte, já que mobilizam ao mesmo tempo vários jornalistas em torno do assessorado e exigem estratégia específica em todas as etapas de realização”. (2004: p.87) A entrevista coletiva, para os assessores de imprensa, é um evento à parte e

como tal necessita de um preparo especial e único. Para isso eles se preparam e orientam também o seu assessorado. Eles estudam todas as possíveis perguntas que podem ser feitas sobre o assunto em questão e procuram, de maneira muito discreta, desviar o foco dos pontos mais problemáticos. Isso faz parte do trabalho da assessoria de imprensa: divulgar o seu assessorado, mas também protegê-lo. Aos repórteres é dada justamente a missão contrária: investigar, esclarecer, perguntar, questionar e, principalmente, duvidar. Mas em uma situação como essa, em que há um cenário pré-moldado para a elaboração das perguntas, o trabalho do repórter pode ser comprometido justamente pela sua falta de preparação. É uma situação parecida com a de dois países em guerra. Ambos mandam as suas tropas para a batalha. Mas um deles, antes de mandar seus homens para a luta, imagina quais estratégias podem lhe ser favoráveis para a vitória. Já o outro pensa apenas em utilizar a força. Qual dos dois países possui mais chances de vencer? Com certeza aquele que melhor se preparou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.

BUCCI, Eugênio. *Sobre a Ética na Imprensa*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre Alerta: Condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DANTAS, Audálio. *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1998.